

REQUERIMENTO Nº DE

Senhor Presidente,

Requeiro, nos termos dos arts. 218, VII e 221, I, do Regimento Interno do Senado Federal, inserção em ata de voto de pesar pelo falecimento de Djalma Bezerra Mello, bem como a apresentação de condolências a seus familiares.

JUSTIFICAÇÃO

Economista, Djalma Bezerra Mello morreu em 19 de março de 2026, em Brasília, aos 88 anos. Deixa a mulher, Carmelita, e os três filhos: Viviane, Victor e Luiza Mello. Passou mais de cinco décadas trabalhando com desenvolvimento regional na Amazônia. Não era de aparecer, não buscava holofote e não cultivava protagonismo público. O que ele cultivava eram resultados. E os resultados que produziu mudaram a vida de milhões de pessoas.

Começou como consultor de empresas nacionais e multinacionais. Conhecia a linguagem do setor privado, sabia como o dinheiro se move e por que se move. Cedo entendeu que o grande desafio da Amazônia não era atrair atenção — era atrair investimento que ficasse, que gerasse emprego, que criasse raízes. Esse problema o acompanhou pela vida inteira.

Integrou os quadros da SUFRAMA e da Comissão de Desenvolvimento Econômico do Estado do Amazonas, onde participou da consolidação do modelo econômico da Zona Franca de Manaus. A ZFM é, até hoje, um caso sem paralelo no mundo. São mais de 500 empresas instaladas,



aproximadamente meio milhão de empregos gerados, faturamento superior a US \$ 37 bilhões por ano — e o estado do Amazonas mantém 98% de sua cobertura florestal intacta. Não existe em nenhum outro país um polo industrial que produza riqueza nessa escala e ao mesmo tempo preserve o ambiente nessa proporção. Djalma estava lá quando isso foi construído. Não como espectador, mas como um dos profissionais que deram forma econômica ao projeto.

Em 2004, o Conselho Regional de Economia do Amazonas e Roraima o elegeu Economista do Ano. Não era um título político nem honorário. Era o reconhecimento de quem trabalhava com ele, via o que ele fazia e sabia avaliar a qualidade do que estava sendo feito.

O capítulo mais importante da sua trajetória, porém, começou por volta de 2008, quando assumiu a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia — a SUDAM. O trabalho de Djalma não era apenas administrativo. Era de reconstrução — de credibilidade, de propósito e de resultado.

Ele reconstruiu em aproximadamente sete anos à frente da autarquia, Djalma administrou mais de R\$ 20 bilhões em investimentos aprovados para a Amazônia Legal, com mais de 80% direcionados a projetos de infraestrutura. Somente em 2013, a SUDAM sob sua gestão aprovou 236 projetos de incentivos fiscais, com projeção de geração de 420 mil empregos diretos e indiretos. Djalma ampliou os incentivos fiscais da SUDAM para cinco novos setores que até então não contavam com esse instrumento na região: transporte rodoviário e fluvial, reflorestamento, educação, saúde e indústria naval.

Criou a PDIAL — a Política de Desenvolvimento Industrial da Amazônia Legal. Foi a primeira política industrial específica para a região em mais de sessenta anos. A Amazônia, que abriga a maior biodiversidade e a maior reserva de água doce do planeta, simplesmente nunca havia tido uma estratégia industrial própria. Djalma não apenas identificou essa lacuna — ele a preencheu. A PDIAL foi descrita por especialistas como "um marco pelo ineditismo" e incluiu dois estudos que jamais haviam sido realizados: um sobre a integração econômica entre



os estados amazônicos e outro sobre política industrial regional. Pela primeira vez, a Amazônia tinha um plano.

Trouxe o programa Águas Para Todos para a região. A Amazônia concentra 20% da água doce do planeta, mas milhões de pessoas que vivem nela não tinham acesso a água tratada. A contradição é das mais brutais que o Brasil produz, e Djalma decidiu enfrentá-la.

Firmou parceria entre a SUDAM e a UFPA para adotar o TerraMA², sistema de monitoramento ambiental e de desastres do INPE. A SUDAM se tornou a primeira instituição da Amazônia a operar essa tecnologia — um passo que parece óbvio, mas que ninguém havia dado antes dele.

Lançou o programa Mulheres na Construção Civil, em parceria com o IFAM, que capacitou 100 mulheres em situação de vulnerabilidade social. Quando a imprensa perguntou por que, Djalma respondeu com a franqueza que lhe era característica: "São mães solteiras que têm que sustentar a família. Como ter oportunidade sem ser qualificado?" A frase diz muito sobre quem ele era. Não pensava em termos de política pública como abstração. Pensava em gente.

Quando perguntavam a Djalma o que a SUDAM fazia, a resposta era sempre a mesma: "Nosso objetivo é induzir o empresário a vir para a Amazônia." Ele repetia isso com a convicção de quem sabia que o desenvolvimento da região dependia de torná-la viável economicamente — não por decreto, mas por resultado concreto. E foi exatamente o que fez.

Trabalhou a vida inteira nos bastidores de decisões que afetaram milhões de pessoas. Pegou um órgão destruído por corrupção e o transformou no principal instrumento de política regional da Amazônia. Criou a primeira política industrial da região. Construiu um modelo de cadeias produtivas que hoje é referência nacional. Levou água a quem não tinha. Deu profissão a quem não tinha oportunidade.



Os programas que ele criou continuam funcionando. Os empregos que ele ajudou a gerar continuam sustentando famílias. As rotas que ele abriu continuam levando renda a comunidades que, antes dele, não existiam no mapa econômico do Brasil. A Zona Franca que ele ajudou a construir continua sendo o único polo industrial do mundo que coexiste com a floresta em pé.

A Amazônia que Djalma ajudou a construir continua de pé. E isso é o maior elogio que se pode fazer a um economista que dedicou a vida a uma região que o resto do país prefere admirar de longe.

Sala das Sessões, 12 de maio de 2026.

Senador Plínio Valério
(PSDB - AM)

